



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ASSOCIAÇÕES AGRÍCOLAS.

GUIMARÃES, Avelino da Silva

Ano: 1899 | Número: 16

Como citar este documento:

GUIMARÃES, Avelino da Silva, Associações agrícolas. *Revista de Guimarães*, 16 (2-3) Abr.-Set. 1899, p. 57-66.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

ASSOCIAÇÕES AGRICOLAS

Um exemplar historico

Accusa o nosso paiz um resurgimento economico, de intensidade: os erros financeiros dos governos, as difficuldades que d'elles provém pelos fataes aggravamentos tributarios, o excessivo desenvolvimento burocratico, a serie longa dos descuidos e abusos, de que nenhum partido se absolve, as crises que se cavaram quasi de surpresa, o estancamento abrupto das remessas vivificadoras do ouro dos nossos patricios do Brazil... tudo se conglobou para estimular Portugal, governos e governados, a trabalhar assidua e fortemente em levantar o paiz do seu romantismo e da sua vida contemplativa, para o impellir nas vias do progresso economico, e no aproveitamento das suas ainda grandes fontes de riqueza inexploradas.

Entre os objectos de preocupação geral inclue-se o progresso agricola. Entre os meios propulsores d'este progresso, reconheceu-se emfim que a associação era um dos maiores. Este meio procura-se nas organizações officiaes dos *syndicatos*, neologismo escusado, aqui, como em França, d'onde o importamos.

O syndicato, ou associação, ou communitidade, ou convento, tudo nos dá a ideia da concorrência de esforços, trabalhos e estudos individuaes para um fim commum.

O convento antigo, com as suas fórmulas mysticas, arre-
teando terrenos bravios, desenvolvendo as culturas, foi — a
sociação agricola, *syndicato*; e todos sabem quanto deve
nosso paiz a esta fôrma associativa.

Em França as antigas associações agricolas foram vulgare-
antes da revolução de 1789. Com diversas origens, com fim
iniciaes de ordem diversa, umas de puro fim juridico nas rela-
ções burguezas com os senhores feudaes, os poderosos poter-
tados medievaes, outras de determinados fins agricolas, fo-
tão notavel a criação de organizações associativas ruraes
como o foram as organizações das jurandas e corpos de mis-
teres.

Por conter a pintura viva e minuciosa de uma d'essas for-
tes organizações, familio-agricola, offerecemos á apreciação
dos leitores da *Revista de Guimarães* a historia da curiosa
associação dos Pinons.

A velha cidade de Thiers não é, como ha muito tem sido
sômente notavel pela sua cutelaria, pelos processos singula-
res do trabalho profissional, pela larga expansão dos seus pro-
ductos; é tambem notavel pela sua historia de communhões
ou associações ruraes, que se vulgarisaram nas suas imme-
dições.

Eis o apreciavel e curioso artigo, que traduzimos de
Revue Hebdomadaire.

AVELINO GUIMARÃES.

Uma associação agricola antes da revolução

«Os arredores de Thiers são os unicos sítios do Auver-
gne, onde a existencia das associações agricolas deixou vesti-
gios posteriores no começo do seculo XIX¹.

¹ A vassallagem do bom velho tempo offerecia um lado vanta-
joso: assegurava protecção e recurso aos trabalhadores da terra que
lhe supportavam o peso, aliás de nenhum modo esmagador na maior
parte dos casos.

Ora, não era bom viver sem protector durante o longo periodo da

Em todo o valle do Dore, um ribeiro coquette que afflue no Allier tres ou quatro leguas acima de Vichy, ha poucas familias de camponezes, cujos titulos de propriedade não provenham d'uma communhão. Ha cincoenta annos, os Courty, que deram o seu nome a uma estação de caminho de ferro na proximidade de Thiers, não tinham ainda regularisado a sua situação e viviam em commum sem ter feito a partilha das suas terras.

Sobre as ultimas vertentes dos montes de Forer, ainda se encontram vestigios, cada dia menos distinctos, de familias que, ha um seculo, viviam prosperas conformando-se aos principios da communhão.

Para evocar estas memorias d'uma outra idade, basta no paiz recordar os nomes dos Dunand, dos Bourgade, dos Ferrer, dos Charenteix, dos Terene, e sobre todos dos Quittard-Pinons. Entre estas familias, umas, habitando na visinhança immediata de Thiers, a cidade manufactureira, consagravam uma parte do seu tempo á cutelaria, que é industria local;

meia idade, mesmo nas épocas mais proximas da nossa, quando bastava achar-se na passagem d'um destacamento de soldados, ou d'uma quadrilha de salteadores, mesmo d'uma escolta de algum grão-senhor, para se expôr a ter o seu celleiro saqueado, a sua adega vazia, a sua casa posta a saque.

Podia então dizer-se com toda a verdade: *vae soli!* Desgraça ao isolado! Tambem, para evitar os deploraveis resultados de uma existencia restricta, sedentaria, e sem commercio, ameaçando todos os que se achavam na roda de um grão-senhor, a associação offereceu-se como um recurso precioso. Associação universal, união collectiva dos interesses, apropriou as regras da communhão entre esposos, prevista por certos costumes. Parece ser esta a condição mais frequente, mais usual, entre plebeus, durante toda a meia idade.

Ao mesmo tempo que era o resultado d'um agrupamento de interesses reunidos pelas necessidades de defeza contra os abusos do feudalismo, talvez tambem contra os do clero, estas communhões podem igualmente ter sido a consequencia de mui antigas tradições. Muitos auctores querem n'isto encontrar os vestigios dos antigos *clans* celticos.

Os *Costumes d'Auvergne*, publicados por Chabrol em 1786, consagram-lhe nada menos de dez artigos — é isto uma prova evidente da importancia das associações agricolas n'esta provincia; e ellas verificam, que, em contrario aos principios geraes, pelos quaes o contracto de sociedade acaba com a morte, estas associações continuam depois do decesso dos contractantes entre seus filhos e netos; mas é preciso que sejam universaes, isto é, que comprehendam todos os bens presentes e futuros dos participantes.

outras, estabelecidas na montanha, occupavam-se na criação de gado e passavam uma boa parte do seu tempo á caça.

Um auctor, que escreveu sobre o Auvergne paginas documentadas e entusiastas, deplora que amplificações dithyrambicas, inspiradas aos escriptores do seculo XVIII pela simplicidade campestre e as virtudes patriarchaes dos Pinons, não dessem preferencia a reconstituir a vida rude e agitada das associações da alta montanha, vivendo em guerra continua como os velhos *clans* de Rob-Roy e de Waverley. «Seja como fôr — accrescenta philosophicamente, — a organização dos Pinons dá a conhecer a de todas as outras communhões, e como ha este especimen para figurar a sua vida interna, para evocar o aspecto d'um paiz tão habitado, convem descrever-lhe os detalhes.» Estes detalhes obteve-os d'um parente do signatario d'estas linhas, M. Chassaigne de Moreal, que as havia recolhido da informação do ultimo *mouistre* da herdade dos Pinons.

*

No começo d'este seculo, a communhão dos Pinons contava ainda uma quarentena de membros, ultimos vestigios d'uma associação dissolvida pelo codigo civil, a indivisão, que era a sua propria essencia, achando se em formal contradicção com as prescripções da nova lei.

A comunidade era administrada por mestre (*maitre*) ou chefe (em dialecto — *mouistre*) do naco de pão... o naco é o bocado principal da grossa boroa (*tourte de pain*) do camponez. Ninguém tinha o direito de lhe tocar na ausencia do chefe de familia que distribuía a cada um a sua ração. Este chefe era nomeado em eleição publica por todos os membros do sexo masculino da familia, de mais de vinte e cinco annos.

A escolha era feita solemnemente em um domingo, no regresso da missa ouvida, como de costume, na igreja de S. Genès de Thiers, depois das orações sob o grande carvalho do (*coudaire*), isto é, da esplanada proxima á herdade. Os suffragios quasi sempre recahiam no mais velho da familia. Quando um mais novo era notoriamente mais capaz, era elle o eleito. Feita a eleição, o mais novo filho do eleito tomava a palavra e contava as origens da familia. Um dos ultimos eleitos, fallecido ha poucos annos, resumia nos seguintes termos a narração tradicional:

«Ha mais de mil annos que um homem, pae d'uma nu-

merosa familia, aconselhou a seus filhos que nunca se separassem para evitar que os seus bens fossem partilhados. Explicou-lhes que seriam mais fortes, mais ricos, se, em vez de tomar, um uma gabella de trigo, outro um mólho de lenha, comessem conjunctamente o seu trigo e queimassem a sua lenha. Prometteram a seu pae proceder conforme os seus desejos e comprometteram-se a dar o mesmo conselho a seus filhos. Depois da morte do pae, elegeram seu irmão mais velho para o substituir e nunca deixaram de lhe obedecer. Os filhos dos seus filhos tendo feito o mesmo, os seus braços reunidos para se defender e para trabalhar, os seus fenos recolhidos nas mesmas barras, os seus trigos guardados no mesmo celleiro, a sua lenha sob o mesmo alpendre, foram fortes, hospitaleiros, viveram bem, e estão no paraíso.» Este discurso era feito em vasconço saboroso, que o tornava mais expressivo.

Os poderes do chefe podiam retirar-se-lhe pelo voto da maioria dos membros da familia. Com effeito, durante os seculos que subsistiu a communhão dos Pinons, tal indignidade só se produziu uma vez, pelo menos a tradição só accusa um exemplo.

O chefe de naco, actuando na plenitude de poderes do *pater-familia* do direito romano, tinha auctoridade illimitada sobre a direcção do trabalho e vida moral de todos, como explicou Guy Coquille. Comprava as terras, vendia as colheitas, dirigia a lavoura, as sementeiras e concluia os casamentos. Attendia as inclinações e preferencias da mocidade, mas sobretudo se inspirava nas conveniencias da communhão. Salvo raras excepções, era obedecido cegamente. O sentimento do dever estava tão gravado n'estas almas simples e rectas, que se submettiam sem que lhe viesse a ideia de que podiam sofrer um constrangimento. Uma das ullimas sobreviventes da familia exprinia em vasconço caracteristico o pensamento que animava toda a communhão. «Os nossos tamancos e o nosso feno pertencem ao chefe, mas o chefe está alli para todos — *Nostru iclo et mostro fe érount au mouistre, mas lou mouistre ero por treitous.*»

Uma mestra (*mouistresse*) era-lhe dada para o governo domestico. Ella tinha sobre as mulheres a mesma auctoridade que o *mestre* sobre os homens, e superintendia a educação dos filhos. Era tambem nomeada por eleição, mas, para supprimir velleidades de absorpção de auctoridade, devia ser escolhida em um outro ramo da familia.

Este papel importante dado á mulher, é interessante, sobretudo n'este periodo da idade média, em que, nas familias nobres, nenhum logar legal lhe era attribuido. A questão da emancipação da mulher parece assim ter sido resolvida do modo mais simples por bons camponezes sem pretensões. Portanto, na vida de todos os dias, a superioridade do homem se manifestava em muitos detalhes. Assim, durante as refeições, as mulheres não tinham o direito de se assentar; ella comiam de pé, e servindo.

O poder do chefe não era todavia illimitado; quando se tratava d'um acto importante, d'um processo a travar, d'uma aquisição valiosa, devia consultar os dez mais antigos membros da communitate reunidos em conselho.

A questão dos casamentos, — é preciso insistir n'este ponto, — era uma das mais delicadas; tratava-se com effeito de não admittir na familia uma noiva que podesse ser um elemento de discordia. O *mouistre* esforçava-se de escolher a noiva com acerto, quando era obrigado a procural-a fóra da associação.

A exclusão era rigorosamente pronunciada contra quem recusasse a mulher escolhida por elle. A tradição conservou apenas a memoria de dois casos de resistencia.

Procedia-se a esta exclusão com verdadeira solemnidade. O refractario, vestido com o seu melhor traje, comparecia perante a communitate. O chefe entregava-lhe um pau n'uma mão, n'outra uma bolsa contendo seiscentas libras, e conduzindo-o até á porta, e fechando a porta dizia-lhe: «tu nunca mais a transporás (*tu n'a passeras pu*).» Esta interdicção era rigorosamente observada, e, particularidade curiosa, — as outras communhões visinhas não admittiam o insubmisso.

Os membros da familia muitas vezes se uniam entre si o mais possível. O chefe tratava de casar o filho do ramo mais numeroso com o filho do ramo que era menos numeroso, e não era esta a menos delicada das suas attribuições. Quanto aos mais novos, podiam casar-se com quem quizessem, mesmo fóra da familia, logo que parecesse que não seriam presentes para assegurar a perpetuidade do seu ramo. N'estes casos, o rapaz recebia um dote de seiscentas libras; as raparigas deviam contentar-se com um terço d'esta somma.

A associação tinha tido por symbolo significativo o pão commum, d'onde a palavra — companheiro — (*compain, compagnons*), compañia (pessoas comendo o pão em commum). M. François Escard, um dos mais auctorizados entre os que

têm escripto sobre a questão, nota a ligação entre estas palavras e a cerimonia, tão symbolica, precedendo a retirada voluntaria dos membros auctorisados a casar-se fóra. O chefe tomava uma faca, partia o grande pão em dois, e dava um ao rapaz que se retirava para nova carreira provido d'este viatico.

Se acreditamos M. Escard, a grande prosperidade da familia Pinons remonta ao seculo XVI. A necessidade de protecção, que faziam nascer na alma dos camponezes os bandos armados que percorriam o paiz, pôde effectivamente ter sido causa do augmento de recrutas que a communhão dos Pinons fez n'esta época. Os ultimos sobreviventes de M. Quittard-Pinon e M.^{me} Grange Quittard possuem duas espadas conservadas na familia ha muitos seculos; provêm-lhe, dizem, d'um senhor visinho, ao lado do qual os seus antepassados teriam combatido, e que lhes foram deixadas com seus bens antes do que abandonal-as aos inimigos. Segundo outra versão, estas armas foram os trophéos d'um combate sustentado victoriosamente contra o famoso barão durante as guerras de religião.

*

O *Journal Économique* (setembro 1755, março 1756) publicou uma memoria escripta em 1739 e dirigida ao editor em resposta a um aviso d'esta publicação a respeito de uma associação de particulares de Thiers; ahí se encontram as mais antigas indicações escriptas fornecendo alguns detalhes ácerca da familia Pinon.

«A algumas leguas da cidade de Thiers, em Auvergne (ha n'isto um pequeno erro, deve lêr-se apenas uma meia legua) ha um castello muito grande e muito habitavel; e a cabeça d'uma pequena senhoria, denominada por alguma baronia d'Ossandon. Ha pouco mais ou menos quatrocentos annos que uma poderosa e numerosa familia de camponezes a comprou, d'ella fez a sua morada e n'ella se perpetuou de paes a filhos até ao tempo presente.

«Uma segunda prova da antiguidade d'esta familia, e que não é menos incontestavel. é que, ao mesmo tempo, obtiveram do papa Leão X uma dispensa perpetua para casarem nos graus em que o casamento não é licito sem dispensa. Esta consideração do Santo Padre lhe confere dupla honra. É uma prova da virtuosa disciplina estabelecida de longa data entre estas hon-

tas pessoas, e do temor que tinham do enfraquecimento da suas regras e costumes, contrahindo más alianças, como dizem, isto é, casando-se fóra da familia. Estes dois artigos lhe asseguram pois uma duração de quatro seculos bem provada

«Mas elles remontam a sua antiguidade muito mais all: ainda, a sua tradição diz approximadamente a mil e cen annos...»

Um documento authenticico parece dar-lhe razão: é uma carta do priorado de Sanaillange, em data de 962, fixando a época da sua formação no anno de 780 e declarando que sãc tributarios do senhor Estevão, visconde de Thiers.

Elles não tardaram a adquirir a sua independencia.

*

A familia Pinons praticava a caridade com uma generosidade verdadeiramente tocante. A distribuição de porção de nutrição quotidiana de cada um dos membros, feita pelas mulheres, e uma quota dos rendimentos annuaes, — nunca menos d'um oitavo do producto bruto, — constituíam o fundo de esmolas. Em uma albergaria (ladrerie), hospicio sempre aberto, os desgraçados encontravam abrigo permanente. O rumor d'esta generosidade alastrou-se até Versalhes. No fim do reinado de Luiz xiv, quando a subida do imposto e as exações dos traficantes precipitaram na miseria os cultivadores do Auvergne, como os de toda a França, a taxa proporcionada á extensão dos seus bens (perto de trezentos hectares) e dos seus rendimentos (cerca de 30:000 libras), attingia para os Quittard-Pinons uma somma enorme. Mas uma ordenança especial do rei a reduziu consideravelmente.

Luiz xv mostrou-se ainda mais liberal. Informa M. Doñiol: «Este favor foi solicitado pelo ante-penultimo *mouistre* Annet Quittard. Para o obter, este homem, já idoso, teve força de ir a Paris e regressar a pé. Merecem menção as circunstancias d'esta viagem.»

M. Leblanc, intendente do Auvergne, foi um dia recebido pelos Quittard-Pinons, e tão enthusiasmo ficou da existencia interior da communidade, que lhes fez prometter o dirigirem-se-lhe se alguma vez carecessem d'um protector. M. Leblanc pouco depois era ministro da guerra, e a communhão era sobre modo affectada nos seus rendimentos. Um dia M. Leblanc viu entrar no ministerio o chefe dos Pinons, que, ves-

tido com o seu trajo de festa, calçado com os grossos sapatos ferrados, vinha a pé de Auvergne a Paris para reclamar do seu antigo hospede, sem o menor rebuço, a hospitalidade que lhe tinha dado. M. Leblanc recebeu o melhor possível Annet Quittard, e, com grande espanto da côrte, apresentou-o ao rei. Uma hora depois o chefe da communidade dos Quittard-Pinons deixava o palacio cheio de alegria, retomava o seu cajado de viagem, e, resistindo ás instancias de M. Leblanc para o demorar em Paris, dirigiu-se para o Auvergne, aonde — dizia elle — tinha pressa de voltar para mostrar aos pobres a ordenança pela qual os Quittard-Pinons não pagariam mais, fossem quaes fossem os seus bens, de seiscentas libras de imposto.

Um successor de M. Leblanc, na intendencia do Auvergne, M. de Chazerat, protegeu os Pinons ainda com mais ardor. Convidava-os muitas vezes para festas sumptuosas que offerecia no seu magnifico palacio de Ligogne perto de Lezons, onde passava uma existencia querida dos grão-senhores do fim do seculo xviii, occupando-se ao mesmo tempo da sciencia e philosophia e protegendo as artes. Mas, — como bom discipulo de J. J. Rousseau, — dignava-se visitar os Pinons, e participar da sua existencia laboriosa e frugal. Durante uma estada em Versalhes, suggeriu o interesse de Luiz xvi pelos seus amigos de Auvergne. Maria Antonieta, entrevendo os Pinons através das construcções coquettes da sua herdade do pequeno Trianon, encarregou M. de Chazerat dos seus cumprimentos para os rendeiros auvernezes. O intendente levou até da côrte um testemunho precioso da benevolencia real: uma cintura em velludo carmezim, debruada de azul, apertando com uma placa de prata e ouro, tendo as armas de França gravadas ao centro de uma gabella de trigo, cercada de pampanos, fructos e instrumentos agricolas. Por cima liam-se estes versos, cujas excellentes intenções não rimem a insufficiencia prosodica... e não fallemos de poesia, que é completamente ausente:

« Chazerat, de l'Etat obtint cette ceinture,
Les Quittard en sont revêtus:
Elle honore l'agriculture
Elle est le prix de leurs vertus. »

Esta cintura, que devia substituir nas grandes ceremonias a que o chefe trazia ordinariamente como insignia da sua auctoridade, tornou-se para a familia Pinons o obje to de

uma grande veneração. Como excitava o ciume e a irritação dos exaltados da vizinhança, o *mouistre* trazia-a dia e noite, occulta sob a roupa, durante todo o periodo revolucionario. É piedosamente conservada pelos ultimos sobreviventes da familia.

Legrand d'Aussy, conservador dos manuscriptos na Bibliotheca nacional, e amigo de Chazerat, partilhou o entusiasmo do intendente do Auvergne pelos seus protegidos: «Tudo o que elles trazem, linhas, roupas, calçado, os seus moveis, os seus utensilios, são feitos por elles ou pelas mulheres. É preciso construir um edificio, cobrir um tecto, fabricar instrumentos de agricultura, toneis, etc.? Não recorrem a pessoas estranhas, elles sós, com os seus creados, satisfazem os differentes misteres que lhes são necessarios; não empregam operarios, nem compram senão ferro e sal.»

Uma unica vez, em consequencia da insufficiencia de herdeiros do sexo masculino, foi preciso resignarem-se a deixar entrar um estranho para a familia, chamado Quittard. Este affeioou-se de tal modo ás tradições, que o seu nome é inseparavel do de Pinons, empregando-se um ou outro indifferentemente, testemunho a inscripção da cintura. Depois das guerras da Republica e do Imperio, a familia Quittard-Pinons, tendo perdido todos os seus filhos masculinos, teve outra vez de recorrer ao expediente do casamento d'uma de suas filhas com um estranho, foi em 1816. Menos de tres annos depois, o genro, intruso, invocava o codigo civil para exigir uma partilha. Foi o fim da sociedade agricola, que tinha atravessado tantos seculos. Uma liquidação geral seguiu de perto a partilha. Foi ordenada por julgamento do tribunal de Thiers, em 20 de julho de 1820, ordenando a partilha de immoveis avaliados em quatrocentos mil francos entre dez ramos da familia.

CHASSAGNE DE NÉRONDE. »